

## **Observatório da Ética Jornalística em Mato Grosso (ObjOR-MT): Instrumento voltado ao fomento de leituras críticas <sup>1</sup>**

Rafael Rodrigues Lourenço MARQUES<sup>2</sup>

Eliana CAVALCANTE<sup>3</sup>

Luiza Beatriz Ferreira PURCINO<sup>4</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Alto Araguaia, MT.

### **Resumo**

A presente iniciativa se trata de um projeto de Extensão que tem por objetivo principal a construção e manutenção institucional de um observatório online de conteúdo jornalístico/comunicacional. O ObjOR-MT tem foco prioritário regional no Estado de Mato Grosso e se trata de uma iniciativa acadêmica que se sedimenta na perspectiva teórica da Educação Crítica para as Mídias e que se justifica na articulação entre Ensino e Extensão – com a participação de estudantes do curso de Jornalismo - voltada para o fomento de um vínculo crítico com a cultura profissional jornalística.

**Palavras-Chave:** Educação para as mídias; Jornalismo; Ética.

### **Um observatório nas bordas do Mato Grosso**

O presente trabalho se trata de um recorte com as primeiras aproximações de um projeto de extensão com interface em pesquisa denominado Observatório da Ética Jornalística em Mato Grosso (ObjOR-MT), desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT -, câmpus Alto Araguaia-MT.

O objetivo principal do projeto em questão foi o de construir e gerir um Observatório da Mídia de caráter acadêmico, no Estado de Mato Grosso, que utilize diversos suportes comunicacionais – site, blog, redes sociais, áudio, vídeo, impresso etc, para criar um contraponto ao conteúdo informacional que não se baseia no esteio da deontologia jornalística, fomentando discussões sobre democracia e mídia, bem como servir de base para articulações entre Ensino, Pesquisa com a Extensão universitária. Ainda tem por objetivo:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Jornalismo, da Unemat. Coordenador do projeto de Extensão Observatório da Ética Jornalística em Mato Grosso (ObjOR-MT). E-mail: [rafael\\_jornal@unemat.br](mailto:rafael_jornal@unemat.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 4º. semestre do Curso de Jornalismo, da Unemat. Voluntário do projeto de Extensão Observatório da Ética Jornalística em Mato Grosso (ObjOR-MT). E-mail: [luizapurcino@hotmail.com](mailto:luizapurcino@hotmail.com)

- Abrir canais comunicacionais democráticos para críticas livres de professores, estudantes, profissionais e sociedade organizada sobre a cobertura política da mídia regional, estadual, nacional e internacional;
- Dar visibilidade, tornar públicas as discussões que se produzem continuamente no ambiente universitário, na formação do jornalista;
- Ampliar os horizontes de discussão sobre mídia e sociedade, retirando a crítica do gueto acadêmico e levando-a para um amplo público, atuando assim sob uma perspectiva de Educação Crítica para as Mídias (KELLNER, SHARE, 2008);
- Criar uma rede estadual de colaboradores para a elaboração de conteúdo para a iniciativa;
- Somar-se à resistência ética e profissional do campo jornalístico, a partir da perspectiva da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI) e
- Fomentar atividades públicas de cunho informativo, de formação e de conscientização, como debates, seminários, minicursos e oficinas, a fim de inserir a crítica de mídia na pauta dos eventos de caráter acadêmico e da sociedade civil organizada no Estado de Mato Grosso.

A criação de tal iniciativa se justifica pela ausência de um observatório da mídia, orientado por uma IES pública, no Estado de Mato Grosso. Apesar de existirem diversos outros veículos e sites ligados à sociedade civil organizada que em um momento ou outro tocam no tema da crítica midiática, inexistem um projeto estruturado academicamente sobre tal tema e perspectiva.

Isso é problemático, na medida em que a ideia dos observatórios da mídia começou a ser plantada desde os anos 60 no Brasil, em pleno regime militar, por Alberto Dines (LOURES, 2008, p. 165). Hoje, Dines mantém junto ao *Instituto Gutemberg*, o site *Observatório da Imprensa*, cuja rede de crítica midiática nacional é referência ética para toda uma geração de jornalistas. A importância da emergência de tal iniciativa é encontrada em Motta (2008, p. 23), quando este afirma que:

“[...] Os observatórios surgem a partir de uma difusa consciência de que a indústria cultural e informativa não responde às demandas da sociedade civil: é demasiado acomodado, oficialista, superficial. Por isso precisa mudar. Jornalistas inconformados, organizações não-governamentais, ativistas políticos, professores, estudantes, movimentos sociais e grupos isolados saem da passividade do receptor ou do conformismo da profissão para influir nos conteúdos. Exigir mais pluralismo e isenção, demonstrar à

indústria cultural e informativa a necessidade de refletir adequadamente os interesses de todos os atores da jovem democracia brasileira.”

Unindo Ensino, Pesquisa e Extensão pode-se trabalhar valores éticos não só junto ao público e profissionais já no mercado, como também junto aos futuros jornalistas, ainda em formação. É nesse sentido que se optou por pensar a ética profissional em um curso de jornalismo localizado em uma cidade no interior de um Estado que se localiza fora do eixo Rio-São Paulo.

A graduação em Jornalismo da Unemat tem sede em Alto Araguaia-MT, que se localiza a 422 quilômetros de Cuiabá, capital de Mato Grosso. Faz divisa com a cidade de Santa Rita do Araguaia-GO. Do vista geográfico, as discussões propostas pelo curso acabam por vezes limitadas pela distância dos grandes centros.

Apesar disso, o curso foi construído para se tornar uma das balizas do Jornalismo em Mato Grosso e adaptou-se para superar adversidades, adotando uma perspectiva que pensa o local e o regional, criativamente costurando laços com todas as regiões do Estado. Grande parte destas soluções advém do uso das tecnologias da informação, que favorecem a superação das distâncias no que tange o conteúdo comunicacional.

É nesta articulação de se pensar a formação e pensar a comunidade que surge o Objor-MT. Conforme MOTTA (2008, p. 13), “[...]os observatórios de meios contribuem para o aperfeiçoamento de práticas, procedimentos e produtos jornalísticos. Melhorando a mídia, ajudam a melhorar a sociedade. Não é pouco, nem hoje, nem no tempo de Lincoln.” Grosso modo, faz-se necessário criar um vínculo crítico entre a cultura profissional jornalística e o público.

### **Alinhando um observatório**

Os meios de Comunicação de Massa possuem relevância significativa na formação da cultura e subjetividade contemporânea. Representações, valores, opiniões. Hoje, tudo passa pela mediação comunicacional, seja ela pelos veículos tradicionais ou pela convergência midiática proporcionada pela Cibercultura, veiculada pelas mais diversas plataformas de publicação – sites, blogs e redes sociais. Dentro deste caldeirão efervescente de significados, o jornalismo tenta se situar e encontrar sentidos para se reinventar constantemente.

O mais recente dilema aponta para uma possível obsolescência do profissional jornalístico, uma vez que em tempos em que todos são informalmente potenciais produtores

de conteúdo e gestores de informação, não haveria a necessidade de um profissional que formalize tal processo.

Aqueles que advogam a favor de tal causa se pautam por um ideal de democratização radical das mídias e de uma visão ingenuamente otimista de que os processos comunicacionais sociais se regulariam apenas por demandas do mercado – consumo – ou necessidades pessoais. Esta perspectiva vem fortalecendo o ideal do conteúdo jornalístico como mero produto, em detrimento a uma prática emancipadora e a serviço da sociedade.

Grosso modo, trata-se do conflito entre aqueles que visam exercer uma profissão sob a égide de um código deontológico visando à construção de um conteúdo jornalístico sob o âmbito do interesse público em oposição àqueles que instrumentalizam a prática jornalística a partir de uma lógica polêmica, sensacionalista, da audiência (tv, rádio), da alta vendagem (impressos) e quantidade de acessos (internet). Ou seja, a lógica do lucro acima do fato, dos *fait divers*, do mero entretenimento, daqueles veículos que se guiam pelo interesse do público.

O jogo imanente à dicotomia *interesse público x interesse do público* carrega um protagonismo pouco levado em conta: à sombra daqueles que produzem e se confrontam no campo jornalístico, está à sociedade, o público em questão. O imperativo jornalístico que afirma de que a informação deve ter o máximo de isenção possível para que os julgamentos de valor sejam realizados pela audiência nem sempre é respeitado. Jogos políticos, financeiros e de múltiplos interesses ideológicos atravessam a prática jornalística antes mesmo da formação dos *gatekeepers*.

Para superar este dualismo, a alternativa mais lógica seria a de fortalecer o polo de recepção, fomentando um processo de rompimento do modelo leitor-passivo através de uma educação crítica. Possibilitar que o público reaja criticamente frente a essa turbulência comunicacional, através de uma mobilização cidadã para monitoramento a mídia, “[...] para mudar seus canais de comunicação, exigindo mais qualidade, mais comprometimento social, mais sensibilidade e equilíbrio, mais humanidade.” (CHRISTOFOLETTI e MOTTA, 2008, p.13).

Esta é justamente a ideia por trás dos observatórios de mídia, imprensa e comunicação. Para além de mera fiscalização profissional, tais iniciativas buscam consolidar democraticamente o processo comunicacional formal, ao fomentar a transparência e a ética, possibilitando que o leitor comum saiba como funciona o fazer jornalístico, desconstruindo seus acertos e seus erros.

É por esta vertente que percorre o Objor-MT. Favorecendo uma leitura crítica do conteúdo jornalístico-midiático do Estado de Mato Grosso. Acima de tudo, fomentando debates ascendentes, que possam favorecer o dialogismo entre emissor e receptor no plano comunicacional, humanizando e possibilitando relações éticas neste campo.

Conforme Ghiraldelli Jr. (2010, p. 82) as relações éticas “[...] dizem respeito a costumes, hábitos, valores relativamente coletivos, assumidos por indivíduos de um grupos social, uma sociedade ou uma nação.”

Dentro do jornalismo, e da maioria das profissões convencionadas em nossa sociedade, existem códigos de éticas específicos. A estes, denominamos como códigos Deontológicos. Estes códigos de ética ajudam a orientar a prática profissional, propondo direitos e deveres que situam o profissional. O mais conhecido em nosso país talvez seja o Código de ética do Jornalista Brasileiro, da Federação nacional dos Jornalista – FENAJ. Trata-se de um documento orientativo, sedimentado na lógica das leis informais. Conforme Christofletti (2008, p. 80),

“[...] distintivamente das leis, os códigos de ética são gerados na e pela comunidade a que se destina. Isto é, lideranças profissionais e representantes dos trabalhadores reúnem-se, discutem e redigem os documentos. Seus elementos são os valores que regem e dão fundamento às profissões. Por isso os códigos trazem recomendações, indicadores de conduta. Percebam bem: não são intimações ou obrigações, mas recomendações. Se as leis exercem um controle que se pretende total, os códigos dependem mais da convicção, da boa vontade, da consciência e da disposição das pessoas em segui-los. Como não tem o poder das leis e porque são resultados da auto-regulação de um coletivo, os códigos só funcionam mesmo se os sujeitos cultivarem valores ali expressos. Em resumo: quem manda é o livre arbítrio.

Estes códigos não são úteis apenas ao grupo profissional em questão. Toda a sociedade se beneficia com a sinalização de maturidade que a auto regulação proporciona. ao campo jornalístico, dado o seu impacto na formação da esfera pública. Conforme Habermas (1984) a esfera pública se trata de um princípio organizacional de nossos ordenamentos políticos, permeada por ideologias e isenta de neutralidade. Isso se dá porque em nossa sociedade existem relações de poder e diversos grupos disputando inúmeros capitais, interferindo e atravessando os diversos campos existentes. Estes grupos que exercem as mais diversas formas de poder favorecem a manutenção de um status quo ideológico favorável por meio da comunicação social, mais especificamente a partir dos meios técnicos que moldam a informação (THOMPSON, 2007). Estes dirigem a

informação ao público, e, portanto, a todo o corpo social. Este corpo social é complexo. Existem variáveis no jogo de percepção e representação da informação.

Grosso modo, uma camada mais instruída apercebe-se das informações e as direciona as massas. Habermas afirma que esta camada mais favorecida é imersa na chamada ideologia burguesa e, portanto, sua atuação isenta a esfera pública e as opiniões a ela imanentes de qualquer neutralidade. A partir de outra perspectiva, Wolf (1998) nos fala que esta minoria instruída se insere no modelo de “comunicação em dois tempos”.

São líderes ou formadores de opinião, que acabam significando o conteúdo comunicacional apreendido conforme seus valores e representações sociais. Nos dois casos, é inegável a presença de um filtro ideológico tendencioso construído pelo atravessamento de interesses da esfera privada pela esfera pública. O interesse particular acaba interferindo em visões que favorecem um interesse coletivo. Nesse sentido, a esfera pública apresenta conflitos fantasmas, debates já superados ainda na mesa de planejamento. Predomina a ilusão do binarismo e da estética: opções de debate já formatadas que induzem à polêmica. Para Thompson (2007, p. 343), na contemporaneidade:

[...] o desenvolvimento da comunicação de massa aumenta significativamente o raio de operação da ideologia nas sociedades modernas, pois possibilita que as formas simbólicas sejam transmitidas para audiências extensas e potencialmente amplas que estão dispersas no tempo e espaço.

A mídia tem papel crucial no jogo da percepção e da representação. Estando no “meio do caminho”, os meios técnicos de comunicação participam ativamente dos debates públicos, influenciando o processo nos mais diversos níveis: do senso comum à subjetividade, nenhuma instância de relação psicológica do humano e seu mundo escapa, em maior ou menor grau.

A superação desta lógica alienante é o motor da chamada Educação Crítica para as mídias, apresentada em Douglas Kellner e Jeff Share (2008, p. 702), quando estes propõem um modelo calcado na crítica e análise ideológica, sob a ótica das relações de poder, das representações sociais “[...] de gênero, raça, classe e sexualidade na economia política e nas relações sociais das importantes empresas de mídia.” Além disso, esta perspectiva:

- a) Amplia a noção de alfabetização midiática, ao fomentar a produção de narrativas paralelas e de resistência à mídia hegemônica e
- b) Entende as audiências por um viés ativo e emancipatório na construção social dos significados, em uma linha que abarca o pensamento dos Estudos Culturais, em Stuart

Hall (1980), ao assimilar o conceito da interpretação nas leituras dominantes, leituras de oposição ou leituras negociadas.

### **Pensando a observação da ética jornalística**

Dentro destes meandros comunicacionais encontra-se o jornalismo, aqui entendido a partir de três posições:

- 1) Campo de trabalho,
- 2) Gestão informacional formal e
- 3) Lugar social político. O entrecruzamento destas nos desvela o papel jornalístico frente à esfera pública.

Como campo de trabalho, o jornalismo está susceptível à influência dos humores ideológicos do mercado. Como prática da gestão informacional, o jornalismo se depara com os factoides. Como lugar político e social, o jornalista se depara com os interesses particulares, que na maioria das vezes sobrepõem o bem-estar coletivo.

Conforme a teoria do Gatekeeper (WOLF, 1998), o resultado do esforço produtivo do profissional jornalístico é diretamente afetado por diversos filtros que se instalam em uma relação descendente em uma empresa de comunicação. A linha editorial de um veículo e o que o conteúdo publicado são diretamente afetados pela lógica do consumo exacerbado, por interesses políticos específicos, vozes morais reacionárias que por vezes:

- 1) Transformam o texto jornalístico em uma justificativa para a aquisição de um produto ou promoção do espetáculo; e
- 2) Instrumentalizam a informação como mera máscara ideológica de ocultação de uma costura propagandística ou publicitária que abusa dos pontos cegos do campo factual para gerar versões economicamente ou/e politicamente favoráveis.

É fato que o conteúdo jornalístico deva gerar renda e que em termos subjetivos, neutralidade e objetividade são questionáveis. No entanto, ao mesmo tempo em que o jornalismo possui um caráter de consumo, possui também sua missão social. O maior ou menor equilíbrio entre estes dois fatores é que vai nos mostrar o que é um jornalismo comprometido com o interesse público – informação e verdade – e qual é aquele que abraça o interesse do público – sensacionalismo. É a famosa balança ético-moral. Conforme Christofolletti (2008, p.11),

No jornalismo a ética é mais do que rótulo, que assessorio. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seu comprometimento e valores. Podem suspender suas opiniões em certos momentos, mas se, por acaso esquecerem suas funções e suas relações com o público, vão colocar tudo a perder.

Neste sentido, quem trabalha no processo de mediação da informação para o público tem por dever oferecer informação independente, isto é, oferecer informação voltada para atender o direito à informação ao público – mesmo que o próprio público não saiba os reais limites entre os interesses coletivo e particular. Embora a imprensa seja um negócio, embora os veículos e meios de comunicação sejam instrumentalizados em favor de uma ideológica particular, o que deve prevalecer é a independência editorial, que atua como uma salvaguarda de bom senso e discernimento junto à sociedade (BUCCI, 2008).

Até então, a presente costura teórica inseriu o jornalismo na dinâmica da esfera pública, com intenção de definir papéis e problematizar o palco comunicacional contemporâneo. Percebe-se o jornalismo como uma prática complexa, que sofre pressões externas e internas à sua atuação que deformam o processo e conseqüentemente seu produto final, em graus variáveis.

Dadas estas circunstâncias, existe um abismo entre o *dever fazer* e o que se pode fazer de fato. Por que isso acontece? Porque uma prática jornalística democrática pressupõe um diálogo mais franco e ativa participação junto ao polo de recepção, ao público, ao leitor. Uma sociedade só é justa e democrática na medida em que seus canais de comunicação também o são. Mas o contrário, também se faz mister. O público deve ser informado e formado conforme uma perspectiva dialógica, que possibilite inviabilizar os modelos comunicacionais tradicionais que engessam o receptor em uma posição passiva na dinâmica informacional.

Um modelo humanizante, mais ético e que questione o *mores* social a todo o momento. Este raciocínio estabelece relação com as ideias de Paulo Freire (1983), quando este, ao trabalhar no campo da educação propõe a quebra de paradigmas tradicionais, em favor da mediação. Apropriando-nos destas idéias, traçamos paralelos entre docentes e jornalistas. Para o autor, o professor não deve ser o senhor do conhecimento, aquele que apenas deposita a informação “na cabeça” do estudante. Deve ser aquele que ocupa o espaço de vetor de mediação entre cultura e sujeito. Conforme o autor:



Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito. Se não há este acordo em torno dos signos, como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação. Isto é tão verdadeiro que, entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação, como se constituíssem momentos distintos do mesmo processo ou do mesmo ato. Pelo contrário, inteligibilidade e comunicação se dão simultaneamente. (FREIRE, 1983, p. 45-46)

O conhecimento, antes centralizado na figura docente, democraticamente passa a ser mediado pelas chamadas mídias digitais, virtualizado e dialogicamente construído e reconstruído dia após dia, tomando novas formas resultantes da combinação de significados, elementos oriundos de uma infinidade de modos de representar e agir sobre o mundo.

É a dinâmica do ensino Formal x Ensino Informal, que traz a comunicação social – e porque não o jornalismo – para o centro da discussão educacional contemporânea por sua responsabilidade na formação da cultura e subjetividade contemporânea. Representações, valores, opiniões. Hoje, tudo passa pela mediação comunicacional, seja ela pelos veículos tradicionais ou pela convergência midiática proporcionada pela Cibercultura, veiculada pelas mais diversas plataformas de publicação – sites, blogs e redes sociais. Dentro deste caldeirão efervescente de significados, o jornalismo tenta se situar e encontrar sentidos para se reinventar constantemente.

Então, nessa mesma linha, o jornalista deveria ser o mediador da informação, favorecendo o melhor fluxo possível entre a fonte de informação e o receptor. Gerando o protagonismo no público – também formando, educando para as mídias -, para que este também se responsabilize e se emancipe frente ao conteúdo apreendido.

Esta pode ser uma prática considerada improvável para a maioria dos comunicadores que deparam com os limites do cotidiano, bem como grande parte do público e mercado. Assim, cabe ao espaço acadêmico assumir a vanguarda do fomento desta faceta educadora do jornalista e da crítica e observação midiática.

Para superar este dilema, a alternativa mais lógica seria a de fortalecer o polo de recepção, fomentando um processo de rompimento do modelo leitor-passivo através de uma educação crítica. Possibilitar que o público reaja criticamente frente a essa turbulência comunicacional, através de uma mobilização cidadã para monitoramento a mídia, “[...] para

mudar seus canais de comunicação, exigindo mais qualidade, mais comprometimento social, mais sensibilidade e equilíbrio, mais humanidade” (CHRISTOFOLETTI e MOTTA, 2008, p.13).

É esta a base que sedimenta a perspectiva dos Observatórios da Mídia: projetos ligados à academia, com perspectiva de extensão crítica – que Graças e Da Silva (2000), definem como o entrelaçamento de Ensino, Pesquisa e Extensão, para uma articulação em convergência. –, com bases no desenvolvimento humano, que fomentam discussões éticas sobre a relação entre os meios de comunicação, seu conteúdo e sociedade, ainda oferecendo canais de comunicação para democraticamente veicular o debate mobilizado.

A iniciativa se sustenta a partir do conceito de Extensão Crítica. É, portanto, uma dimensão dependente, inerente e implícita na produção e disseminação do conhecimento. O maior e mais antigo projeto neste sentido em nosso país é o *Observatório da Imprensa* (<http://observatoriodaimprensa.com.br/>). Conforme Segundo Motta (2008), ao mesmo tempo em que se preocupam em desvelar a estrutura jornalística ao grande público, os observatórios apostam na formação dos atuais e futuros comunicadores. Segundo Motta (2008, p. 12 -13),

[...] Os observatórios dos meios têm pelo menos duas funções: fiscalizar os veículos e seus profissionais, e alfabetizar midiaticamente o público. Ao lançar um olhar atento aos meios, os observatórios apontam falhas técnicas, deslizes éticos e problemas de outras ordens. Coberturas tendenciosas são denunciadas, apurações malfeitas são destacadas, condutas condenáveis são apontadas. Mas fazer crítica de mídia não é apenas sublinhar o aspecto negativo; bons exemplos também devem ser enfatizados, embora o cacoete jornalístico priorize a bad News.

De forma geral, janelas ou vitrines da mídia, os observatórios de meios têm um papel social relevante. Quem assume o papel da crítica podem ser jornalistas, docentes ou cidadãos anônimos, consumidores de conteúdo. A diferença essencial entre estes são os critérios para avaliação, sendo a prática a mesma. A sinergia entre estes atores favorece uma lógica de mudança, diálogo, participação que possibilita um amadurecimento ético da dinâmica social. Trata-se de um exercício para a cidadania.

Christofoletti (2008), ao abordar os observatórios a partir da questão do olhar, afirma que os mesmos, em seu dialogismo, instituem o olhar como modalidade hegemônica “[...] e os olhos se voltam para o jornalismo para uma leitura menos acomodada que a convencional. Observar é ler. No caso, ler a mídia. Pois ler a mídia é ler o mundo.”

Grosso modo, essa é a ideia por trás dos observatórios de mídia, imprensa e comunicação. Para além de mera fiscalização profissional, tais iniciativas buscam

consolidar democraticamente o processo comunicacional formal, ao fomentar a transparência e a ética, possibilitando que o leitor comum saiba como funciona o fazer jornalístico, desconstruindo seus acertos e seus erros. É por esta vertente que percorre o Observatório da Ética Jornalística – ObJOR-MT. Favorecendo uma leitura crítica do conteúdo jornalístico-midiático do Estado de Mato Grosso. Acima de tudo, fomentando debates ascendentes, que possam favorecer o dialogismo entre emissor e receptor no plano comunicacional, humanizando e possibilitando relações éticas neste campo.

### **Etapas de construção do observatório**

A metodologia de trabalho para constituição e funcionamento do *Observatório da ética Jornalística em Mato Grosso* subentendeu:

- 1) a formalização do grupo-base de sustentação e movimentação do observatório;
- 2) o mapeamento de entidades, grupos, coletivos, instâncias e indivíduos que possuem interesse em constituir a rede estadual de colaboradores para o sustentáculo da iniciativa e o subsequente contato para a efetivação das parcerias;
- 3) a criação da plataforma midiática online de funcionamento do observatório; 4) a avaliação periódica do material de crítica midiática veiculado na rede;
- 5) a inserção do observatório no circuito acadêmico local, estadual, nacional e internacional de discussões sobre comunicação, educação, jornalismo e áreas afins;
- 6) o estreitamento de contato do *ObJOR-MT* com observatórios já constituídos ou em processo de criação, primeiro na região Centro-Oeste e, depois, nas demais regiões, buscando tornar-se, futuramente, membro da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (Reno) e
- 7) a realização de eventos públicos com a participação da comunidade local e/ou da comunidade estadual/regional, com a socialização de trabalhos e experiências realizadas, comunicação do sentido da iniciativa, organização de atividades de formação e debates – palestras, oficinas, minicursos.

### **Resultados até o momento**

O projeto foi institucionalizado junto à Unemat em Setembro de 2015. Desde então integrantes do projeto – 02 docentes e 03 discentes voluntários - reúnem-se periodicamente

todas às quintas-feiras para discutir sobre as pautas emergentes no campo jornalístico do Estado de Mato Grosso e para o estudo de referências bibliográficas pertinentes. Para além do estudo, estas reuniões têm por objetivo formar os estudantes voluntários para que estes possam atuar em extensão junto à comunidade e produzir sob orientação, conteúdo científico.

No início deste ano letivo (2016/01), o grupo construiu as plataformas digitais e iniciou a veiculação do resultado das análises coletivas e individuais, bem como para compartilhar conteúdo relevante à compreensão da ética jornalística ao público imanente às redes sociais. Abaixo, reprodução das telas da fanpage e do blog, respectivamente:



**Ilustração 1 Reprodução da tela da fanpage do Objor-MT. Disponível em:**  
<https://www.facebook.com/Objor-MT-1686777014940063/?fref=ts>



**Ilustração 2 Reprodução da tela do blog do Objor-MT. Disponível em:** <https://objormt.wordpress.com/>

Ainda em início de atividades, em 20 de março de 2016, o blog contou com 06 publicações, textos críticos, todos publicados por integrantes do Observatório – entre docentes, discentes e membros da rede de colaboradores. Já a fanpage, conta com 18 postagens – dentre conteúdo compartilhado de outras fontes e material cuja fonte é o blog do projeto.

Já no primeiro semestre de 2016, duas palestras – uma sobre “jornalismo, ética e sociedade” e outra sobre “introdução aos direitos humanos” foram realizadas por alunos voluntários junto a uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA – da Escola Municipal Aduci da Conceição Rodrigues, de Alto Araguaia-MT.

Ainda em estado de maturação, espera-se que a iniciativa:

1) Contribua com a crítica da mídia e o olhar de uma leitura de mundo, tornando-se instância teórica e com capacidade de mobilização social e interferência no campo das comunicações em nível estadual (Mato Grosso), sobretudo no que diz respeito ao estímulo à criação de práticas e mecanismos que favoreçam a democratização da mídia e a melhoria na qualidade dos materiais produzidos;

2) Favoreça a criação de um ambiente mais democrático, dialógico e participativo, no que tange à avaliação da sociedade sobre a produção comunicacional e no que diz respeito à própria autocrítica dos produtores midiáticos;

3) Constitua um pilar para a formação de estudantes dos cursos de Jornalismo envolvidos direta ou indiretamente no projeto e

4) Corrobore com o processo de aprofundamento do protagonismo da sociedade civil organizada quanto à democratização das comunicações em nível nacional.

## Referências

BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e Imprensa**. São Paulo: Cia das Letras. 2000

CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Ver, olhar, observar.** In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (Orgs.). *Observatórios de mídia: olhares da cidadania.* São Paulo: Paulus, 2008.  
GRAÇAS, M.; DA SILVA, M. **Extensão: a face social da universidade?** Campo Grande: Editora UFMS. 2000.

GHIRALDELLI JR., P. **História Essencial da Filosofia:** Vol. 5. São Paulo: Universo dos Livros. 2010.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1984.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. In: **Revista Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008 Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>>>. Acesso em Ago. 2015.

LOURES, A. C. C. **Pequena história da crítica de mídia no Brasil.** In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L.G. (Orgs.). *Observatórios de mídia: olhares da cidadania.* São Paulo: Paulus, 2008.

MOTTA, L. G. **Crítica da mídia:** da resistência civil ao desenvolvimento humano. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (Orgs.). *Observatórios de mídia: olhares da cidadania.* São Paulo: Paulus, 2008.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2007

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editorial presença, 1998.